



MORTES VIOLENTAS DE LGBT+ NO BRASIL

Relatório 2021



RELEASE

MORTES VIOLENTAS DE LGBT+ NO BRASIL RELATÓRIO DO GRUPO GAY DA BAHIA, 2021

300 LGBT+ sofreram morte violenta no Brasil em 2021, 8% a mais do que no ano anterior: 276 homicídios (92%) e 24 suicídios (8%). O Brasil continua sendo o país do mundo onde mais LGBT são assassinados: uma morte a cada 29 horas.

Esses dados se baseiam em notícias publicadas nos meios de comunicação, sendo coletados e analisados pelo Grupo Gay da Bahia, que há 40 anos divulga essas tristes estatísticas, cobrando do governo políticas públicas que erradiquem essa mortandade que vai muito além desses números, pois representam apenas a ponta de um iceberg de ódio e sangue.

Panorama Nacional

O Nordeste foi a região onde mais LGBT tiveram morte violenta, 35% dos casos, seguida do Sudeste (33%). É a primeira vez que o Sudeste concentra tantos óbitos: mais do que a soma total das demais regiões, Sul, Norte e Centro-Oeste. Não há regularidade sociológica que explique essa e muitas das ocorrências, como também, por exemplo, a redução das mortes nos meses de primavera.

São Paulo é o estado onde ocorreu o maior número de mortes, 42 (14%), seguido da Bahia com 32, Minas Gerais com 27 e Rio de Janeiro, 26. Acre e Tocantins notificaram apenas um assassinato e Roraima foi o único estado sem registro. A capital mais perigosa para o segmento LGBTI+ em 2021 foi Salvador

(12 mortes), seguido de São Paulo, com 10 ocorrências. Salvador, com aproximadamente 3 milhões de habitantes, registrou duas mortes a mais que São Paulo, 12 milhões, risco portanto de um LGBT baiano ser vítima de morte violenta é 3\4 superior ao de um paulistano. Segundo o Prof. Luiz Mott, fundador do GGB: “Nós sempre dizemos que Bahia deve rimar com alegria e não com homofobia! Um povo tão alegre, hospitaleiro, que aplaudiu quando Daniela Mercury e Mãe Stela de Oxossi se assumiram lésbicas, mas que ao mesmo tempo é capaz de tanta violência contra os LGBT. Triste Bahia!”

Perfil das vítimas

Com exceção de 2020, quando pela primeira e única vez a morte violenta de transgêneros ultrapassou a dos gays, também em 2021, como nas últimas quatro décadas, os gays são em termos absolutos, o grupo mais atingido pela violência letal. Em 2021, os homossexuais masculinos voltaram novamente a ocupar o primeiro lugar no ranking de mortes de LGBTI+: 153 gays (51%), seguidos das travestis e transexuais com 110 casos (36,67%), lésbicas com 12 casos (4%), bissexuais e homens trans 4 casos (1,33%), uma ocorrência de pessoa não binária e um heterossexual, este último confundido com um gay.

Quanto à cor das vítimas de mortes violenta, 28% eram brancas, 25% pardas, 16% pretas e apenas uma indígena. No tocante à idade, a vítima mais jovem foi uma travesti de 13 anos e o mais velho, um gay de 76 anos. 47% dos LGBT estavam na flor da idade, entre 20-39 anos.

Segundo o Prof. Domingos Oliveira, responsável pela coleta e sistematização desses dados, “o descaso da polícia e desleixo dos jornalistas em registrar com precisão as informações básicas

indispensáveis para identificação dos LGBT assassinados, é um aspecto da homotransfobia cultural que macula nossa sociedade, além de dificultar uma análise mais profunda e completa dessas mortes violentas.”

Ao todo foram citadas 44 profissões\ocupações, incluindo praticamente todos os setores econômicos, demonstrando a presença de indivíduos LGBT em todas as classes sociais e níveis de renda, de profissionais liberais a recicladores, predominando travestis profissionais do sexo e gays professores, estudantes e cabeleireiros.

No que se refere à causa mortis, foram documentados 276 homicídios (92%) e 24 suicídios (8%). Registramos 34 gays (11%) que sofreram latrocínio, infração penal mais grave que os homicídios, já que nesses casos, os assassinos mataram para roubar os pertencentes da vítima. Quanto ao local dos assassinatos, 36% ocorreram na residência do LGBT, 32% em logradouros públicos, mas também em estabelecimentos comerciais, locais ermos, na orla marítima e matagais. Via de regra gay e lésbica são mortos dentro de casa enquanto travestis e transexuais na rua.

Nestas sangrentas e covardes execuções, 28% foram perpetradas com armas brancas (faca, facão, tesoura, enxada – chegando até a 95 facadas!), em seguida, 24% com armas de fogo, 21% de espancamento e estrangulamento, incluindo asfixia, tortura, atropelamento doloso. Para o Dr. Toni Reis, da Aliança Nacional LGBTI+, parceiro do GGB nessa pesquisa, “os requintes de crueldade como muitos dessas execuções foram cometidas, demonstra o ódio extremo dos criminosos, que não contentes em matar, desfiguram a vítima lavando no sangue derramado sua homofobia assassina.”

Na conclusão, o Grupo Gay da Bahia indica cinco propostas a curto prazo para erradicação das mortes violentas de LGBT no Brasil, destacando a urgência de educação sexual e de gênero em todos níveis escolares, aplicação exemplar dos dispositivos legais de criminalização do racismo homotransfóbico, políticas públicas que garantam a cidadania plena desse segmento e apelo para que as vítimas de tais violências reajam e denunciem sempre todo tipo de discriminação. O prof. Marcelo Cerqueira, Presidente do GGB enfatiza: “é vital que que todos os LGBT sigam atentamente as dicas sugeridas no texto em anexo, “Gay vivo não dorme com o inimigo”, sugestões práticas, um verdadeiro manual de sobrevivência para não ser a próxima vítima.”

O Relatório integral encontra-se em
<https://grupogaydabahia.com>

Para maiores informações:

Luiz Mott, 71-9874-64830

Domingos Oliveira, 75-9974-5948

Toni Reis, 41-9602-8906



MORTES VIOLENTAS DE LGBT+ NO BRASIL

Relatório 2021



Grupo Gay da Bahia

Rua Frei Vicente, 24 - Pelourinho

40.030-125 - Salvador, BA

Homepage/blog: www.grupogaydabahia.org

Fone: (71) 9998-94748

Aliança Nacional LGBTI+

Avenida Marechal Floriano Peixoto, n. 36, conjunto 47

Cep 80.010- 130, Curitiba, PR

E-mail: aliancalgbti@aliancalgbti.org.br

Organizadores

José Marcelo Domingos de Oliveira

Luiz Mott

Colaboradores

Marcelo Cerqueira, Grupo Gay da Bahia

Mário Leony, Delegado da Polícia Civil de Sergipe e membro da Renaesp

Toni Reis e Coordenadores Estaduais da Aliança Nacional LGTTI+

Imagem da capa

Márcio Velloso da Silva

Ativista LGBTI+ assassinado a facadas em Maricá (RJ)

Acervo Pessoal

Copyright © 2022 Grupo Gay da Bahia

A reprodução total ou parcial desta publicação é autorizada desde que citada a fonte.

Editora Grupo Gay da Bahia

2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Mortes violentas de LGBT+ no Brasil : relatório 2021 / José Marcelo Domingos de Oliveira, Luiz Mott (organizadores).-- 1. ed. -- Salvador : Editora Grupo Gay da Bahia, 2022. -- (Relatórios do Grupo Gay da Bahia ; 1).

Vários colaboradores.

ISBN

1. Identidade de gênero 2. Homofobia 3. Homossexuais - Crimes contra - Brasil 4. LGBTI+ -Siglas 5. Transfobia 6. Violência contra os homossexuais - Brasil 7. Violência contra os travestis - Brasil 8. Vítimas de homicídio - Estudo de casos - Brasil I. Oliveira, José Marcelo Domingosde. II. Mott, Luiz. III. Série.

20-46624

CDD-305.381

Índices para catálogo sistemático:

1. LGBTI+ : Violência : Sociologia 305.381



Gustavo dos Santos Lima, Campo Grande (MS)

Fonte: Acervo Pessoal

A **homofobia** é uma tragédia mortífera presente no cotidiano da sociedade brasileira e sua face mais perversa é o suicídio. Entre as vítimas está o dentista Gustavo dos Santos Lima, 27, encontrado sem vida no dia 14 de outubro de 2021, em Campo Grande (MS). Sua morte ocorreu dias depois de uma mãe recusar que sua filha fosse vacinada “por um viado”, ocasião em que a vítima atuava como voluntário na vacinação contra a Covid-19.

Sumário

Apresentação.....	7
1. Metodologia da Pesquisa.....	11
2. A violência contra a população LGBT+ no Brasil.....	17
3. Perfil da vítima.....	28
4. Os agressores.....	64
5. Conclusão.....	66
Referências.....	68
Anexo 1 - Gay vivo NÃO dorme com o inimigo!.....	71

Apresentação

O isolamento social devido às medidas de contenção do avanço da Covid19 sugeriu a hipótese de uma retração dos números de mortes violentas de LGBTI+ no Brasil, conforme o Grupo Gay da Bahia (GGB) divulgou no Relatório do ano passado, referente a 2020. Entretanto, meses depois dessa divulgação, ao concluir a coleta de dados sobre homicídios e suicídios registrados em 2021, saltamos de 237 para 300 mortes violentas, um aumento de 8%, parte destas oscilações se devem à ausência do esforço dos órgãos de segurança pública em monitorar tais mortes, como parte de ações de implementação de políticas públicas de contenção do avanço da violência e da criminalidade homotransfóbica em solo brasileiro.

Os dados de 2021, apurados pelo GGB, com apoio de pesquisas em sites de notícias, jornais, revistas e noticiários de TV, blogs e outros expedientes presentes na rede mundial de computadores, além do auxílio do Google Alerta, sem contar com os esforços de amigos e colaboradores de todo o Brasil, em especial a Toni Reis da Aliança Nacional LGBTI+, o resultado é um quantitativo de 300 mortes violentas de LGBTI+ no Brasil documentadas. Números chocantes, um homicídio ou suicídio de

LGTI+ a cada 29 horas, salientando que tal mortandade representa tão somente a ponta de um iceberg de ódio e sangue, já que nossas cifras são subnotificadas dada a inexistência de estatísticas criminais governamentais.

Diferente de 2020, onde excepcionalmente os gays deixaram de liderar essa sangrenta estatística, no ano passado os homossexuais masculinos novamente figuram, como documentado nas últimas quatro décadas, com o maior número de sinistros: 153 casos (51%), enquanto travestis/transexuais/mulheres trans aparecem com 110 ocorrências (37%).

Ressalte-se que lastimavelmente esse Relatório de Mortes Violentas de LGBTI+ 2021 continua sendo concretizado sem nenhum apoio financeiro, sendo divulgado graças à persistente boa vontade de alguns poucos e heroicos militantes que continuam acreditando ser a denúncia e publicização destes homicídios e suicídios, estratégia crucial para advertir aos próprios LGBTI+ que todo cuidado é pouco para garantir nossa própria sobrevivência, evitando dessa forma tornar-se a próxima vítima.

É inegável o rastro de sangue LGBT+ derramado em território nacional, a ponto de nosso país aparecer na liderança mundial de tais crimes, sem que haja por parte do Estado brasileiro uma sinalização quanto a medidas

emergenciais e em curto prazo para erradicar tal mortalidade.

O levantamento diário dessas mortes violentas de LGBT permite identificar variados tipos de violência, perpetrados em diferentes ambientes (doméstico, via pública, cárcere, trabalho etc.), desde agressões verbais, negativa de fornecimento de serviço, tentativa de homicídio, agressões físicas com morte, entre outros.

Cenário sempre marcado por muita humilhação, negativas de direito, descaso do Estado em atender as especificidades e denúncias deste segmento, registrando-se muitas falas discriminatórias das autoridades, desprezo por nossas justas bandeiras de luta, incluindo o cancelamento lideranças LGBT+ dos conselhos junto a órgãos da Administração Federal, atos deliberados de negação das reivindicações de combate a intolerância homotransfóbica.

A postura do Governo Federal, talvez, seja o elemento mais dramático da relação entre a população LGBT+ e a sociedade, pois sinaliza o desdém e descaso em relação a ao fato de que ao menos 10% da população brasileira é constituída de “bichas, sapatões e travecas”, segundo terminologia depreciativa popular. O próprio Presidente Bolsonaro, quando deputado, assumiu ter o direi-

to e proteção parlamentar de ser homofóbico, rotulando o Brasil de “país de maricas”.

Ao negar a urgência de implementar políticas públicas básicas e específicas para a população LGBT+ e ao praticar uma cruzada agressiva e irracional contra o que chamam de “ideologia de gênero”, o Governo tropeça em seu próprio discurso, demonstrando inabilidade até mesmo para construir uma agenda positiva adequada em prol dos mais pobres e desvalidos de nossa sociedade.

O que se espera demonstrar com este relatório é o quanto a violência contra a população LGBT+ é difusa e esconde diferentes nuances da homotransfobia estrutural, por isto, nem sempre os casos aqui registrados têm o ódio explícito personalizado como o elemento imediato mobilizador do agressor, mas condições de vulnerabilidade física e social das vítimas devido a sua orientação sexual e identidade de gênero. Tais fragilidades propiciam condições sistêmicas e individualizadas para a ocorrência em nosso país de uma morte violenta, homicídio ou suicídio, a cada 29 horas.

1. Metodologia da Pesquisa

O presente dossier compõe a série Relatórios produzidos pelo GGB, sob a coordenação do Prof. Dr. Luiz Mott, ao longo de quatro décadas, material amplamente documentado no Boletim do Grupo Gay da Bahia e em publicações diversas a exemplo de livros, artigos científicos, entrevistas em diversos veículos de comunicação (jornais, rádios, televisão, internet), do Brasil e Exterior. Durante décadas o GGB foi a principal fonte, amplamente citado nos relatórios anuais de Direitos Humanos do Departamento de Estado dos Estados Unidos e pela principal agência mundial de informação sobre mortes violentas de transexuais e travestis, a Transgender Europe, assim como pela nossa Secretaria Nacional de Direitos Humanos, que através de minucioso cotejamento de nossas estatísticas entre 1963-2011, chegou à conclusão de que: “o Brasil registra uma morte por homofobia a cada 16 horas!”¹

A referida série teve início em 1963, e ao longo de prolongado tempo, o Grupo Gay da Bahia vem aprimor-

¹ <https://agenciaaids.com.br/noticia/brasil-registra-uma-morte-por-homofobia-a-cada-16-horas-aponta-relatorio/>

rando sua metodologia e dinâmica na coleta e sistematização dos dados, com busca diária de informações de casos de mortes violentas de LGBTTI+ no Brasil, sempre com o cuidado de revisar as palavras-chave nos sites de pesquisa da internet, pois há em curso uma nova dinâmica por parte dos jornalistas, radialistas e blogueiros em nominar as pessoas inseridas nas categorias aqui estudadas. Incluímos assim novos conceitos, como “mulher trans”, “homem trans”, além de continuarmos com os étimos “gay”, “homossexual”, “bissexual”, “lésbica”, “morte suspeita”, “encontrado morto”, “estado de putrefação”, “professor morto”, entre outros, além do Alerta Google, em especial para o casos de suicídios.

Os dados coletados foram sistematizados em uma planilha do Excel, em uso e aperfeiçoada a cada ano de pesquisa, sendo as informações copiadas e inseridas num arquivo Word, seguindo a ordem cronológica dos sinistros, para facilitar a comparação e estudos posteriores. Para complementar tais informações, muitas vezes ocorreu a necessidade de se entrar em contato com delegacias de polícia, pesquisa em sites da Segurança Pública nos Estados, identificação dos casos em listas de óbito de serviços fúnebres, além de contato com familiares e amigos em redes sociais, sobretudo através do Facebook e Instagram.

O objetivo geral desta iniciativa é o registro e denúncia das gravíssimas violações aos direitos humanos de LGBTI+ no Brasil, ano a ano, sem trégua, sempre denunciando a ausência total de ações efetivas do poder estatal em construir políticas de prevenção da violência e da criminalidade contra este segmento social.

Observe-se que nos últimos três anos o Governo Federal adotou de forma sistemática o combate às ideias do que rotula equivocadamente de ideologia de gênero e, não por acaso, passou a incluir a comunidade LGBTI+ no rol dos inimigos do modelo de sociedade conservadora preconizado pelo Chefe de Estado, ideário ratificado em sua recente e criticada visita à Rússia. O efeito mais perverso da lógica de exclusão deste segmento nas políticas públicas é o dismantelamento das poucas agências governamentais de fomento a políticas afirmativas, a exemplo dos conselhos consultivos junto ao Ministério da Saúde e Presidência da República.

Mesmo reconhecendo e sofrendo os efeitos perversos desse cenário desfavorável para um diálogo com a esfera pública e ausentes as condições de monitoramento da violência letal aqui em discussão, o GGB manteve seu trabalho de coleta de notícias e informações esparsas de casos de mortes violentas de LGBTI+ no Brasil no último ano, se deparando sempre com o problemático fe-

nômeno da subnotificação, já que em muitos casos com evidências de mortes por ódio, o jornalista, o policial e delegado ou mesmo o cidadão que informou o óbito, omite a motivação do crime e embaralha a orientação sexual e/ou identidade de gênero das vítimas.

Sem informações precisas sobre tal violência, não temos condições necessárias para dimensionar precisamente esse grave fenômeno criminológico, e os dados coletados pelo GGB assim como pela Associação de Travestis e Transexuais (Antra), constituem as únicas fontes possíveis em meio a um discurso negacionista acerca da brutal violência contra este segmento social que deve representar mais de 20 milhões de indivíduos, cuja identificação continua sendo negada pelos censos demográficos do IBGE.

Somam-se ainda a tais dificuldades para a sistematização desses dados o fato de que, parte considerável dos relatos colhidos nos meios de comunicação e outras fontes, não trazem informações básicas para compor o perfil demográfico das vítimas e ainda em menor escala, são raras as informações sobre os agressores, sobre local do crime e suas circunstâncias e motivações.

Em relação aos trabalhos publicados nos dois últimos anos, esse relatório de 2021 demonstra significativo avanço na coleta e sistematização de um dos temas mais

tabus em nossa sociedade, os casos de suicídios, que no caso da população LGBT, a condição sexual e de gênero das vítimas são variáveis cruciais na identificação de sua motivação, consequência da homotransfobia egodistônica que afeta grande parte desse segmento. Pesquisas internacionais confirmam que sobretudo jovens LGBT têm de duas a sete vezes mais risco de suicidar-se do que os heterossexuais.

Os dados coletados foram categorizados em uma planilha do Excel, onde constam seu número de registro, data, cidade, estado, região, nome, alcunha/nome social, orientação sexual e identidade de gênero, idade, cor, profissão, tipificação da morte, causa, quantidade de perfurações ou tiros, local, circunstâncias, fonte e link. Além desses dados, organizamos um dossiê de todos os casos por mês e Unidade Federal, composto por reportagens, fotografias e vídeos sobre cada uma das vítimas, num arquivo em Word.

Um desafio ainda a ser melhor trabalhado no próximo relatório é a aplicação do conceito de homotransfobia estrutural, mesmo porque se um agente do Estado estivesse diante da obrigatoriedade de registrar um caso como atinente a crime de homofobia, deverá levar em consideração alguns aspectos da agressão que extrapolam a simples orientação sexual e/ou identidade de gênero.

Deve-se esclarecer também o quanto as manchetes das notas jornalísticas têm mudado ao longo do tempo e, os nomes jocosos e mesmo insultuosos que depreciavam a vítima tornam-se progressivamente mais raros. Também se tem observado em menor número a publicação de fotos da vítima ensanguentada no local do crime.

É necessário ainda referir a crescente presença de crimes relacionados com o tráfico de entorpecentes e como a violência das milícias, presentes nesta atividade ilícita, que tem ceifado a vida de muitos brasileiros nas duas últimas décadas e, não raro incluindo mortes de LGBTI+. Insistimos, todavia, que devido à homotransfobia estrutural, sistêmica e cultural, sobretudo travestis profissionais do sexo são empurradas para a “pista”, marginalizadas pela heteronormatividade, envolvendo-se com delinquentes onde as drogas e outros ilícitos fazem parte desse problemático cotidiano.

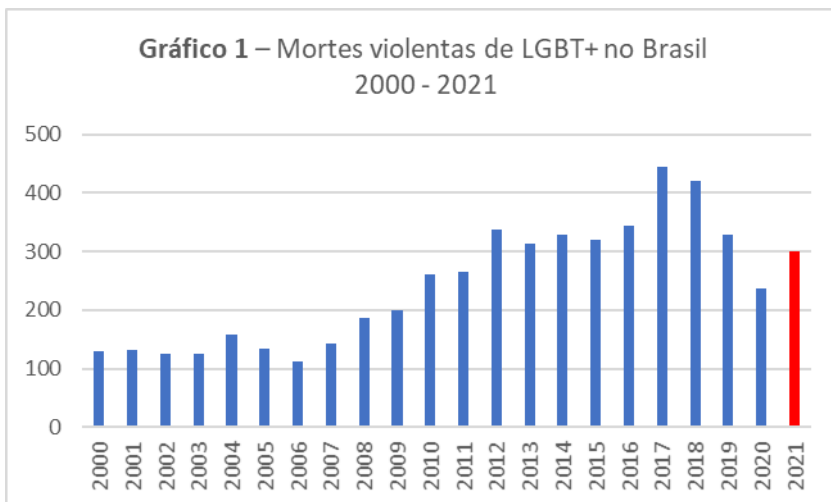
E, por fim, a ausência de recursos financeiros e humanos constituem um sério obstáculo enfrentado pelo GGB, que com muita coragem leva adiante este trabalho de denúncia sobre a violação aos direitos humanos de LGBTI+ no Brasil.

2. A violência contra a população LGBTI+ no Brasil

Os episódios de mortes violentas de LGBTI+ no Brasil, monitorados pelo Grupo Gay da Bahia, desde 1980, contabilizam mais de seis mil mortes, dos quais 300 casos ocorreram somente em 2021.

A ideia de uma democracia racial, de liberdade religiosa e convivência pacífica com as diferenças não tem sido possível confirmar diante de tantas mortes e casos de violência veiculados pela mídia e amplamente divulgado nas redes sociais e grupos de WhatsApp.

O cenário de mortes violentas de LGBTI+ encontra-se estampada no Gráfico 1, mantendo o Brasil ao longo das duas últimas décadas uma média de 243 mortes por ano, sem uma resposta efetiva do poder público em benefício deste segmento social ainda exposto a extrema violência e criminalidade letal. Nessas duas últimas décadas, 2021 registrou mais mortes que em 13 anos anteriores, incluindo o ano de 2020, que surpreendentemente registrou decréscimo 17,67% de violência letal.



Fonte: GGB, 2022.

A decisão do Supremo Tribunal Federal (STF) ao equiparar a homofobia ao crime de racismo², foi acertada e necessária, mas os efeitos dessa nova postura serão mais efetivos quando o Executivo implementar ações de monitoramento, responsabilização dos agressores e políticas de respeito às diferenças, entre as quais ações sociais de combate às vulnerabilidades do segmento LGBT. Depende também da própria conscientização e pressão da comunidade translesbigay cobrar e tornar efetiva a apli-

² A homofobia foi equiparada ao racismo através do julgamento da Ação Direta de Inconstitucionalidade por Omissão – ADO 26, pelo Supremo Tribunal Federal, em 13 de junho de 2019.

cação de penalidades severas a quantos cometem o crime de racismo homotransfóbico.

Tabela 1 – Quantitativo de mortes violentas de LGBT+, Brasil, entre 1963-2021

Período	N. Vítimas
1963-1969	30
1970-1979	41
1980-1989	369
1990-1999	1.256
2000-2009	1.429
2010-2019	3.029
2020-2021	537
Total	6.691

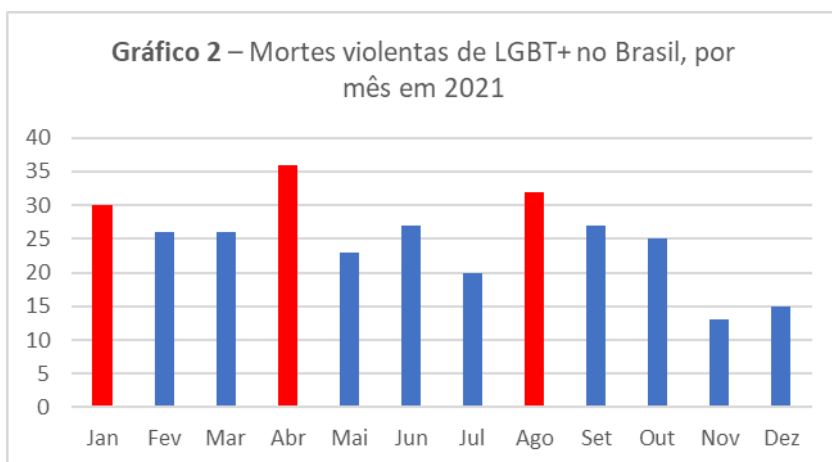
Fonte: GGB, 2022.

O fato de existir uma notável variação do número de mortes ao longo dos anos continua sendo uma incógnita sociológica e reflete também a ausência de monitoramento oficial, tornando-se o GGB refém de notícias publicadas na mídia ou a informação prestada por colaboradores e mesmo assim, sofre com as dificuldades para comprovar em alguns casos, a natureza do fato e sua relação direta com a homotransfobia. Essa aliás é um dos grandes desafios dessa pesquisa, quando alguns críticos sugerem não ser possível identificar aspectos homotransfóbicos

imediatos e evidentes em todas as mortes. Nesses casos, nossa conduta tem sido semelhante à dos militantes do movimento negro, feminista, indígena, nacional e internacional: muitos desses crimes explicam-se devido à homotransfobia estrutural, sistêmica, institucional ou cultural. E com certeza os casos duvidosos são muito inferiores ao número de mortes subnotificadas. Afiançamos, outrossim, que todos esses 300 casos de mortes violentas de LGBTI+ aqui referidos, foram cuidadosamente revisitos e checados com diversas fontes de informação, inclusive telefonando aos delegados de cidades interioranas para certificarmos-nos que as vítimas eram efetivamente do segmento LGBT. Lembramos, outrossim, que os casos de latrocínio sobretudo contra gays e mortes violentas de travestis e transexuais profissionais do sexo na “pista”, inclusive atropelamentos dolosos, sempre foram e devem ser incluídos como crimes de ódio, posto que refletem a homotransfobia sistêmica que faz dos gays vítimas mais vulneráveis à violência de machos truculentos, sendo as travestis igualmente mais vitimizadas devido à apartação socioespacial e marginalização a que foram empurradas pelo *mainstream* heteronormativo. Travestis mortas na cena de prostituição devem, portanto, sempre ser incluídas nessas estatísticas de ódio, assim como gays vítimas de latrocínio cujos assassinos sentiram-se

imponderados pelo pressuposto da vulnerabilidade social dos “viados”. Assim procedendo, estamos a seguir o mesmo procedimento metodológico aplicado pelas entidades governamentais e não-governamentais na apuração dos crimes letais contra os direitos humanos das demais minorias sociais.

O aumento das mortes violentas ao longo das décadas explica-se naturalmente não só pelo preocupante e descontrolado crescimento da criminalidade em geral no Brasil nos últimos tempos, como pelo maior acesso à informação devido à informática e às redes sociais.



Fonte: GGB, 2022.

Acompanhando há mais de 40 anos a evolução das mortes violentas de LGBT+ no Brasil, foram pouquíssimas as regularidades sociológicas observadas no maior ou menor número desses crimes durante todo esse longo período. No tocante à sazonalidade, os meses em que ocorreram o maior número de tais mortes foram abril, agosto e janeiro, respectivamente, distribuídas inexplicavelmente nas estações do outono, inverno e verão. Não há relação de causa-efeito para tais frequências, nem porque na primavera tais índices diminuem significativamente.

A próxima tabela, n. 2, identifica a região nordeste com o maior número de das mortes de LGBT+ no Brasil, 35,33%, seguida da região sudeste, com 33,7% e o Centro-Oeste com 11%. Dados importantes a serem analisados quanto a dinâmica peculiar das três regiões e as circunstâncias socioeconômicas e culturais motivadoras dessas mortes, não se esquecendo da maior ou menor relação das vítimas com pontos de prostituição, envolvimento com o tráfico, o risco acrescido de marcar encontro com desconhecidos por aplicativos de pegação, caracterizando-se sub-repticiamente condutas que qualificam tais ocorrências como crimes de ódio.

Tabela 2 – Casos de mortes violentas de LGBT+ por regiões do Brasil, 2021

Região	Quant.	%
Nordeste	106	35,33
Sudeste	101	33,70
Centro-Oeste	33	11,00
Norte	30	10,00
Sul	27	9,00
Sem informações	3	1,00
Total	300	100

Fonte: GGB, 2022.

Guardadas as proporções, as regiões nordeste e sudeste, podem considerar tecnicamente empatadas, mas quando se observa a distribuição dos casos por Unidade da Federação, num processo de construção de um *ranking*, conclui-se que São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro concentraram 33,7% dos casos de mortes violentas aqui em estudo.

Preocupa o fato de a Bahia concentrar 32 mortes de LGBT (10,7%) dos casos de mortes violentas identificados em solo brasileiro, apesar dos esforços do Grupo Gay da Bahia junto aos órgãos de segurança do Estado em prol de ações de defesa desta população. Tais números refletem a mesma tendência observada em todo o

estado, que de acordo com o Mapa da Violência, lidera a Bahia tais índices em todo território nacional.

Eis os dez Estados com maior recorrência de casos de violência letal homotransfóbica: São Paulo, Bahia, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Paraná, Ceará, Pará, Pernambuco, Mato Grosso e Alagoas, sendo quatro deles na região nordeste.

A capital mais insegura para LGBTI+ em 2021 foi Salvador (12 mortes), seguido de São Paulo, com 10 ocorrências, Curitiba, Manaus e Rio de Janeiro, com sete (7) casos cada, Belém aparece com seis (6) casos e Recife com cinco (5), João Pessoa (4), Campo Grande, Cuiabá, Maceió e Natal (3) e Aracaju com dois casos. Quer dizer, Salvador, com aproximadamente 3 milhões de habitantes, registrou duas mortes a mais que São Paulo, 12 milhões, risco portanto de um LGBT baiano ser vítima de morte violenta é $\frac{3}{4}$ superior ao de um paulistano. Triste Bahia, como sempre adverte o GGB: “Bahia deve rimar com alegria e não com homofobia!”

Tabela 3 – Mortes violentas de LGBT+ por Estado – 2021

Ranking	UF	Quant.	%
1°	São Paulo	42	14
2°	Bahia	32	10,7
3°	Minas Gerais	27	9
4°	Rio de Janeiro	26	8,7
5°	Paraná	19	6,33
6°	Ceará	17	5,7
7°	Pará	17	5,7
8°	Pernambuco	16	5,33
9°	Mato Grosso	15	5
10°	Alagoas	13	4,33
11°	Espírito Santo	8	2,7
12°	Amazonas	7	2,33
13°	Goiás	6	2
14°	Maranhão	6	2
15°	Mato Grosso do Sul	6	2
16°	Paraíba	6	2
17°	Santa Catarina	6	2
18°	Distrito Federal	5	1,7
19°	Rio Grande do Norte	5	1,7
20°	Sergipe	5	1,7
21°	Piauí	3	1
22°	Rondônia	3	1
23°	Rio Grande do Sul	3	1
24°	Amapá	2	0,7
25°	Acre	1	0,33
26°	Tocantins	1	0,33
-	Não informado	3	0,33
Total		300	99,61

Fonte: GGB, 2022.

Roraima aparece como a única Unidade da Federação sem registro de mortes violentas de LGBTI+ em 2021, ao menos o GGB não encontrou nenhuma nota na mídia e tampouco foi informado através da militância da ocorrência de casos desta natureza, como se verifica em reportagem de 03/02/2022, do Jornal Folha BV (RR..., 2022).

Um dado importante a ser considerado em estudo desta natureza é quanto ao dia da semana com maior número de episódios de mortes violentas de LGBTI+, conforme se observa na Tabela 4.

Tabela 4 – Dia da semana com registro de mortes violentas de LGBTI+, em 2021

Dia da Semana	Quant.	%
Domingo	42	14
Segunda-Feira	42	14
Terça-Feira	35	11,67
Quarta-Feira	48	16
Quinta-Feira	38	12,67
Sexta-Feira	40	13,33
Sábado	55	18,33
Total	300	100

Fonte: GGB, 2022.

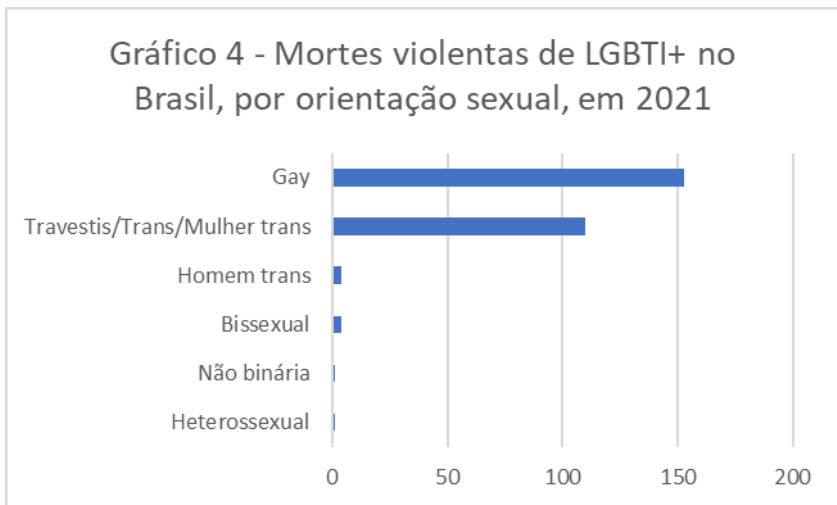
O sábado assume a primeira posição com ocorrência de mortes violentas de LGBTI+ no Brasil em 2021, com

18,33% dos casos. Em geral, é o dia da semana com maior propensão a diversão, ao lazer e, denotando o momento da semana voltado ao descanso e a possibilidade para paquerar, namorar ou mesmo encontrar alguém para uma relação fortuita, apesar de os domingos e as segundas-feiras apresentarem taxa de 14% para ambos, enquanto a quarta chega a alcançar 16% dos casos e, as terças, quintas e sextas ficam entre 11 e 13%.

É importante também frisar que 45,66% dos casos de mortes violentas de LGBTI+ no Brasil, em 2021, ocorreram nos fins de semana (sexta, sábado ou domingo), por isto, o número elevado de mortes nestes dias em residências e espaços de prostituição.

3. Perfil da vítima

Em 2021, os gays voltaram novamente a ocupar o primeiro lugar no *ranking* de mortes de LGBTI+, por orientação sexual, num total de 153 casos (51%), enquanto as travestis, transexuais e mulheres trans aparecem com 110 casos (36,67%), lésbicas com 12 casos (4%), bissexuais e homens trans (4 casos – 1,33%), heterossexual e não binário com 1,33%.



Fonte: GGB, 2022.

Com exceção do ano de 2020, quando pela primeira e única vez a morte violenta de transgêneros ultrapassou a

dos gays, também em 2021, como desde 1963, os gays são em termos absolutos, o grupo mais atingido pela violência letal. Estima-se que os homossexuais masculinos representem por volta de 10% dos brasileiros, mais de 22 milhões de indivíduos, enquanto as travestis e transexuais contariam de 1 a 4 milhões de pessoas. Insistimos tratar-se de estimativas, posto não existir dados demográficos oficiais sobre as chamadas minorias sexuais. Assim sendo, proporcionalmente ao total de sua população, as trans são muito mais assassinadas do que as demais categorias, devendo-se essa maior incidência ao seu *modus vivendi* predominantemente ligado à prestação de serviços sexuais na pista, local tradicionalmente marcado por muita violência intergrupala e policial. As lésbicas sempre são muito menos assassinadas do que as demais categorias (4%), repetindo igual tendência observada na população global, já que segundo o IPEA, as mulheres representam 8% dos homicídios em nosso país.

No que se refere à idade das vítimas, os dados coletados dão conta de uma maior ocorrência de casos na faixa etária dos 20 aos 49 anos, com 59,32% dos casos de mortes violentas de LGBTI+ no Brasil em 2021. Trata-se de um grupo etário na plenitude da vida adulta e de maior produtividade, o momento em que o cidadão costuma sair da casa familiar para um imóvel próprio, uma gama

de fatores a serem cruzados para compreender melhor as circunstâncias das agressões e mortes dentro dessa faixa etária.

Tabela 5 – Faixa etária dos LGBT+, vítimas de mortes violentas – Brasil, 2021

Faixa Etária	Quant.	%
10 a 19	19	6,33
20-29	76	25,33
30-39	67	22,33
40-49	35	11,66
50-59	19	6,33
60-69	13	4,33
70-79	2	0,67
Sem informações	69	23
Total	300	99,98

Fonte: GGB, 2022.

Entre 20 e 39 anos encontra-se um quantitativo de 143 mortes, ou seja, a faixa etária de maior incidência de mortes de travestis e transexuais, ou de gays com um poder aquisitivo maior e, entre 45 e 64 anos volta a decrescer, com ocorrência de 3 a 5 casos, apesar disso, carece de estudos para compreender a dinâmica das mortes na vida adulta e na velhice.

Os números impressionam, mas as imagens e os relatos veiculados na imprensa e nas notas obtidas pelo Grupo Gay da Bahia dão conta de tristíssimo drama pessoal, familiar e social a ser melhor compreendido, pela crueldade, ao levar um ser humano à morte devido a discordância de sua orientação sexual ou identidade de gênero. Como é o caso dessa criança trans Karon, 13, assassinada por um adolescente de 17 anos, a pauladas, chutes e socos, em Camocim (CE), no dia 04 de janeiro de 2021, execução ainda mais chocante ao sabermos o motivo: a cobrança de uma dívida de R\$ 50, decorrente de um programa sexual não pago pelo agressor, que sem o recurso para quitar o combinado, trucidou-a.



Karon, trans, 13 anos, Camocim, Ceará
Foto: Acervo pessoal.

Fatos dessa natureza expõe a gravidade do problema da transfobia, não apenas no fato da morte em si, mas nos condicionantes sociais que a empurram crianças e

jovens para a prostituição como única opção para sobreviver, diante dos dilemas vivenciados em família e escola. Daí a importância da discussão sobre o conceito de homotransfobia e sua aplicação a casos desta natureza, quer em relação a busca de punição, preservação da vida e construção de políticas públicas de resposta às vulnerabilidades sociais vivenciadas pela população LGBTI+ no Brasil.

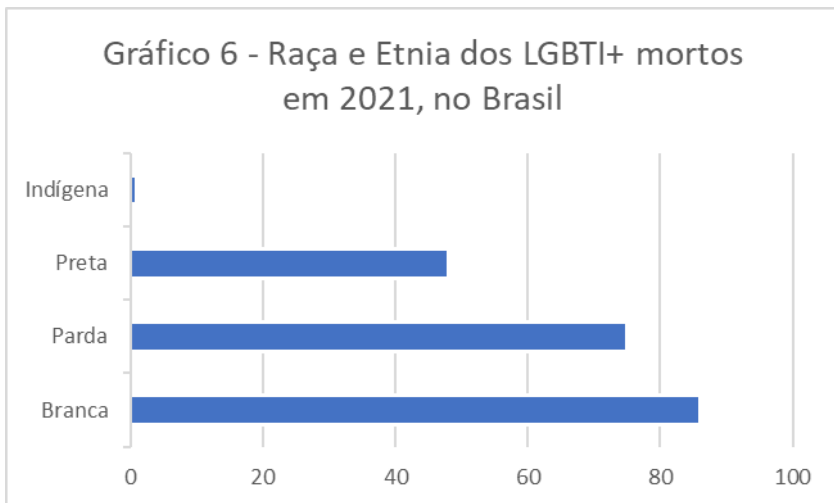
O caso Karon ilustra parte do drama evidenciado neste relatório, através de imagens desconcertantes, levando o GGB a adotar nova estratégia, abandonando fotos de vítimas ensanguentadas dos últimos relatórios, optando nesta edição por trazer corpos vivos, sorrisos largos, vidas em plena exuberância, em geral veiculadas nas redes sociais ou obtidas em arquivos pessoais, para demonstrar o quanto a homotransfobia ceifa nossas vidas em pleno esplendor da existência.

Tabela 6 – Cor do LGBT+ vítima de morte violenta no Brasil em 2021

Cor	Quant.	%
Branca	86	28,67
Parda	75	25
Preta	48	16
Indígena	1	0,33
Sem informações	90	30
Total	300	100

Fonte: GGB, 2022.

Outra categoria considerada importante na análise das mortes violentas de LGBT é a cor, apesar de haver aqui a necessidade de um esclarecimento. O fato de não haver acesso a informação desta natureza através de dados oficiais, força o GGB identificar a cor das vítimas a partir das imagens divulgadas nas notas publicadas na mídia e redes sociais, ou mesmo através de suas fotos publicadas nos periódicos, por isto, 30% dos casos aparecem sem informação e mesmo as 28,67% vítimas sendo consideradas brancas e 41% atribuídos às pardas e pretas, não deve ser tomada como um dado indiscutível, apenas serve de um primeiro aporte para futuras verificações.



Fonte: GGB, 2022.

Convém ponderar também em relação a ocupação/profissão, grande falta de informação documental sobre esta categoria, 51% dos casos e nos demais ainda assim, há algumas dúvidas quanto a informação fornecida e as reais estratégias de trabalho e renda desenvolvidas por esses LGBTI+, mesmo reconhecendo estarmos diante de um dado importante para se discutir cidadania, exposição às vulnerabilidades sociais e sua relação ou não com a agressão e morte.

Tabela 7 – Profissão/Ocupação de LGBT+ vítimas de morte violenta no Brasil em 2021

Profissão	Quant.	%
Profissional do Sexo	32	10,66
Professor	24	8,0
Cabeleireiro	13	4,33
Estudante	13	4,33
Ativista LGBT	6	2,0
Funcionário Público	5	1,66
Aposentado	3	1,0
Garçom	3	1,0
Padre	3	1,0
Outras	45	15,0
Sem Informação	153	51,0
Total	300	99,98

Fonte: GGB, 2022.

Ao todo foram citadas 44 profissões\ocupações entre as vítimas, incluindo praticamente todos os setores econômicos, demonstrando a presença de indivíduos LGBT em todas as classes sociais e níveis de renda. Além dessas profissões mais frequentes, registraram-se a ocorrência de uma ou duas mortes de LGBT nas seguintes categorias ocupacionais: advogado, atendente, ator, can-

tor, comerciário, cozinheiro, empresário, enfermeiro, ex-vereador, artista circense, blogueiro, cafetina, carnavalesco, reciclador, corretor de imóvel, dentista, desempregado, diarista, encarregado, industriário, gerente de loja, líder comunitário, operador de telemarketing, jornalista, pai de santo, *personal trainer*, policial militar, psicólogo, proprietário de bar, em situação de rua, trabalhador rural, técnico em Recursos Humanos, técnico de enfermagem, técnico de segurança e vendedor de produtos de beleza. Também aqui varia de ano para ano, a liderança desse triste ranking profissional de LGBT vítimas de morte violenta, permanecendo, contudo, as profissionais do sexo, geralmente, no topo das ocorrências, disputando com as cabeleireiras tal liderança.

Os dados sobre *causa mortis* ajudam a compreensão de parte da dinâmica de tais crimes, especialmente quando se atribui o fato à ocorrência de latrocínio, roubo com resultado de morte (art. 157, CP), ou seja, o agressor matou porque sua intenção seria assegurar o roubo e nesta tipificação penal termina sendo levado a um julgamento técnico, com pena muito mais elevada, quando comparada ao homicídio.

Tabela 8 – Tipificação das mortes de LGBT+, Brasil – 2021

Tipo Penal	Quant.	%
Homicídio	221	73,67
Latrocínio	34	11,33
Suicídio	24	8
Acidente doloso de trânsito	6	2
Lesão corporal seguida de morte	3	1
Ato infracional análogo a homicídio	1	0,33
Ato infracional análogo a latrocínio	1	0,33
Aplicação de silicone industrial	1	0,33
Outras Causas	9	3,03
	300	100

Fonte: GGB, 2022.

Dentre os tipos penais aqui arrolados há um em específico, o suicídio, considerado tabu pela sociedade e pouco estudado pelo movimento LGBTI+ no Brasil. Primeiro, não constitui crime a pessoa tentar o suicídio, denotando um problema de saúde a ser prontamente tratado, existindo o Centro de Valorização da Vida (CVV), com disponibilização de linha telefônica gratuita voltada a orientar a pessoa a buscar sentido para a existência e assim desistir de cometer o suicídio, não obstante, documentamos 24 LGBTI+ que tiraram a suas vidas no Brasil em 2021.

Segundo bibliografia internacional, o suicídio de LGBTI+ mantém relação direta com a reprovação social à orientação sexual ou identidade de gênero, como se infere na morte de Luís Carlos Souza de Almeida, 19 anos, em 04/06/2021, em Porto Franco (MA), vítima de chacotas sofridas depois de andar nu pela cidade, quando foi filmado e ridicularizado. Uma morte que poderia ter sido evitada, caso a população ou os serviços de saúde e assistência social tivessem promovido o seu acolhimento, num ato de reconhecimento de ali estar ocorrendo um surto psicótico. Impressiona o fato de a vítima ter perambulado pela cidade e ninguém ter tomado nenhuma providência para ajudá-lo.

Um tristíssimo caso emblemático de suicídio foi protagonizado pelo filho da cantora potiguar Walkyria Santos: o adolescente Lucas Santos, 16, veiculou um vídeo nas redes sociais, numa brincadeira insinuando um beijo e/ou afeto com um colega, porém, as agressivas reações negativas de internautas nas redes sociais e o medo da repressão familiar levaram esse jovem ao suicídio. Sua morte em 03/08/2021, dimensiona o peso da reprovação social sobre o inconsciente e autoestima das pessoas vítimas de homofobia neste país e, algumas delas não tem suportado a dor causada pelo olhar e críticas, a ponto de tirarem a sua própria vida. O que importa aqui não é o

fato de o jovem ser ou não gay, importa saber o quanto é doloroso e difícil lidar com a sexualidade fora do esquema da heteronormatividade, numa sociedade machista, por isto essa mãe reconheceu em entrevista ter o filho se suicidado devido ao discurso de ódio³. Idêntica decisão tomou Pheterson Gustavo Amâncio da Silva, 19, em 13/08/2021, em Cuiabá (MT) depois de enfrentar a homofobia nas redes sociais.



Pheterson Gustavo Amâncio da Silva, Cuiabá, MT.

Foto Acervo pessoal.

³ Walkyria..., 2022.

Se os casos de suicídios chocam por sua natureza e, mais ainda por existir indícios suficientes de a homofobia ter sido a causa dessas mortes voluntárias, é repugnante saber a existência de agressão promovida com o intuito de corrigir ou castigar o comportamento da vítima, como ocorreu em relação à travesti Hevelyn Montine Santos, 30, morta no dia 04/09/2021, em Rio Verde (GO). O agressor a espancou e depois a matou com três tiros.

Algumas vezes a população local saiu às ruas pedindo justiça contra tal barbárie, a exemplo do cortejo fúnebre do professor Rinaldo de Lima Araújo, 39, em 07 de janeiro de 2021, em Nazaré da Mata (PE): aqui chama a atenção a faixa: “Vidas importam”, independentemente da orientação sexual ou identidade de gênero da vítima.



Enterro de Rinaldo Liman Araújo, Nazaré da Mata, Pe.
Foto: Ednaldo Tavares | Voz de Pernambuco⁴.

Salientamos que há alguns casos de mortes que se relacionam tangencialmente a motivações homofóbicas, a exemplo do assassinato de Lupita, 20 anos, em 07/01/2021, no município de São João do Arraial (PI), executada a golpes de faca pelo padrasto, ao tentar defender a mãe. Sua inclusão neste relatório nos ajuda a dimensionar melhor as situações de vulnerabilidade social das pessoas LGBT, especialmente quando se constata o

⁴ Corpo..., 2022.

convívio em ambientes familiares marcados pelo medo, pela exploração, pela carência financeira, pela ausência de condições dignas de vida e, em muitos casos sendo a vítimas submetidas a relações abusivas. O GGB registrou em relatórios anteriores diversos casos, como este, em que o padrasto executou o enteado por não suportar a presença de um “viado” em sua casa.

Outro episódio também motivado pela homofobia cultural ou sistêmica aqui incluído é da morte de Ramon Pereira dos Santos, 35, agredido a pauladas por uma travesti, no dia 07/01/2021, em Belo Horizonte, depois de informar não ter como arcar com o valor do programa sexual. Importa compreender a dinâmica da violência também nos espaços de prostituição e, um dado pouco discutido, as mortes ocasionais em que os LGBTI+ figuram como agressores, quer em relação ao cometimento de homicídios, quer em assaltos, tentativas de homicídios, estupro, latrocínio, extorsão entre outros tipos penais.

Deve-se considerar na mesma linha interpretativa da inclusão dos casos acima, a morte de Gleidson Felipe da Silva, 20, no dia 08 de janeiro de 2021, em Corumbá (MT), depois de um desentendimento conjugal, ou seja, o companheiro ao chegar do trabalho revoltou-se, talvez por ciúmes, ao encontrar a vítima bebendo com amigos,

matando-o com golpes de faca, um caso de violência doméstica tóxica e letal num lar LGBT.



Gleidson Felipe da Silva, Corumbá, MT
Foto, acervo pessoal.

Registre-se ainda a execução de duas travestis em Mesquita, no Rio de Janeiro, em 16/01/2021, quando trafegavam na mesma moto. Yasmin e Letícia Lessa morreram no meio da rua, não sendo possível estabelecer relação direta entre a morte e o grau de transfobia subjacente nesse duplo homicídio.

Impressiona também o quanto a ausência do Estado leva à recorrência de execuções em solo brasileiro. Tal se evidencia na morte anunciada do ativista gay Fernando dos Santos Araújo, em 26/01/2021, em Pau D'Arco (PA), militante do movimento de luta pela terra (MST).

Ele era a única testemunha de uma chacina ocorrida em 2017, acusando policiais de terem executado as vítimas. Difícil imaginar que sua condição de gay assumido não tenha influenciado minimamente em sua execução na medida em que homossexuais são vistos como vítimas mais frágeis devido à sua vulnerabilidade social e rejeição homofóbica.



Fernando dos Santos Araújo, Pau D'Arco, Pará
Foto Lunaé Parracho | Repórter Brasil⁵.

Outro aspecto importante a ser considerado em relação as mortes de LGBTI+ é o *modus operandi*, interessando aqui a arma utilizada pelo agressor contra a vítima. Informação capaz de trazer indícios sobre o grau de ódio

⁵ Aranha (2022).

desferido contra a vítima ou mesmo apontar ausência ou presença de premeditação.

Tabela 9 – Arma usada pelo agressor na execução de LGBT+ Brasil – 2021

Causa mortis	Quant.	%
Arma branca (facas, facão, tesoura, enxada)	85	28,33
Arma de fogo	73	24,33
Espancamento (pauladas, pedradas)	38	12,67
Estrangulamento (asfixia, mata leão)	26	8,67
Outras causas	78	26
Total	300	100

Fonte: GGB, 2022.

A simples leitura dos instrumentos utilizados na execução de LGBT denuncia a violência e algumas vezes, o requinte de crueldade, incluindo prática da tortura por parte de alguns dos criminosos, reflexo do ódio de tais “machões” contra suas vítimas. Como foi observado nos relatórios anteriores, predomina também em 2021 o uso de armas brancas, seguido de armas de fogo. Difere, portanto, do padrão nacional de mortes violentas, que segundo o IPEA, as armas de fogo são responsáveis por 71% dos sinistros. No nosso caso, embora predominem os instrumentos perfurocortantes, não deixa de ser preo-

cupante que 1\4 dos assassinos portavam revólveres ou pistolas de diferentes calibres em seus encontros eróticos ou na prática do latrocínio – sugerindo tratar-se de população bastante familiarizada com o mundo do crime.

Dentre esses casos, Márcio Velloso da Silva, 55, ativista dos direitos LGBTI+, homenageado com sua foto na capa deste Relatório, rodeado de balões com a cor do arco-íris, foi executado a tiros em 1º de abril de 2021, na cidade de Maricá (RJ). Sua execução expõe um dado a ser mais explorado nas pesquisas sobre essas mortes violentas: a execução de lideranças também do movimento de defesa da causa LGBTI+. Por se exporem mais, por serem mais aguerridos no enfrentamento dos homofóbicos, gays militantes provocam ainda mais a ira mortal dos intolerantes, como acontece frequentemente com as lideranças indígenas.

Por outro lado, sobretudo quando o crime, premeditado ou não, foi cometido dentro do apartamento ou quarto a vítima, o matador lança mão de objetos domésticos para concretizar o homicídio, martelo, fios elétricos, facas de cozinha, almofadas para abafar os gritos e sufocar. Daí a campanha constante do GGB capacitando o público LGBT através do folheto “*Gay vivo não dorme com o inimigo*”, disponibilizado no Google e transcrito no final

desse Relatório, transmitindo “dicas” de como evitar ser a próxima vítima.

É importante considerar a quantidade de perfurações praticadas com armas brancas: em 2021, há ocorrência de degolamento, por ser um indicador importante para se identificar casos mais virulentos de homofobia, pois raramente há registros da fala do agressor. Um caso emblemático e que ilustra adequadamente a relação entre a quantidade de golpes e a demonstração do ódio do criminoso é a execução da lésbica Gillimara Santos da Costa, 35, em 20/03/2021, em João Pessoa (PB), morta por Marilene da Silva Ramos, 45, com quem mantinha relação estável, morta com 95 facadas! Mesmo a agressora justificando que matou para não morrer, não parece razoável a explicação, já que se relacionavam há cinco anos e, somente ódio pode justificar tamanho ímpeto para o aniquilamento da outra pessoa. Lesbofobia tóxica semelhante aos feminicídios praticados por companheiros heterossexuais.

Em 18/10/2021, a imprensa de Varginha (MG) noticiou a morte de José Wilton Andrade Junior, 52, professor universitário, que levou 54 facadas e teve a casa revirada e objetos roubados, configurando-se claro latrocínio. Um detalhe desnecessário, porém, chamou a atenção do repórter do Jornal O Tempo, de 19/10/2021, ao es-

tampar a manchete: “Professor é encontrado morto usando apenas tapa-sexo em Varginha” (OLIVEIRA, 2022), ou seja, o mais importante era expor a intimidade do morto do que enfatizar a meia centena de facadas desferidas. Felizmente a Polícia Civil de Minas Gerais elucidou o caso, prendeu o criminoso no momento em que tentava vender um notebook e veículo da vítima, sendo condenado a 33 anos de detenção. (SUSPEITO..., 2022).



José Wilton Andrade Junior, Varginha (MG)

Foto: Acervo pessoal.

Impressiona ter ocorrido outro caso semelhante, agora envolvendo dois gays, na cidade de Campina Grande,

na Paraíba, em 06/06/2021, quando João Victor Almeida, 23, foi cruelmente assassinado pelo companheiro com 23 facadas, chegando a quebrar esse instrumento perfuro-cortante. Diferentemente do que o senso comum propala, raros são os casos envolvendo casais de gays ou lésbicas (6,67%), e mesmo esses, são consequência de relações tóxicas envolvendo ciúme doentio e possessividade, repetindo o mesmo ódio observado entre casais de sexo oposto.



João Victor Almeida, Campina Grande, Paraíba

Foto: Acervo pessoal.

Em alguns casos a crueldade encontra meios diversos para a execução, como se conclui da morte de José Apa-

recido Santana da Silva, 33, ocorrida aos 08/04/2021, em União dos Palmares, Alagoas, em que o agressor enforcou a vítima com a calça, dando-lhe golpes com facão no pescoço e tórax.

Pontuamos também a necessidade de investigação mais acurada para explicar o fato de as armas de fogo ocuparem a segunda posição entre os meios empregados para matar LGBTI+ no Brasil, com um percentual de 24,33%. Entre esses casos, Márcio Velloso da Silva, 55, ativista dos direitos LGBTI+, executado a tiros em 1º de abril de 2021, na cidade de Maricá (RJ). A execução de lideranças dos movimentos sociais tem sido uma triste constante em nosso país.



Márcio Velloso da Silva, Maricá, Rio de Janeiro
Foto: Acervo pessoal.

Os dados da Tabela 9 dão conta de 5 ocorrências de mortes de ativistas LGBTI+ no Brasil, em 2021, incluindo um homem trans.

Tabela 9 – Casos de ativistas LGBTI+ mortos de forma violenta, em 2021

Data	Cidade	UF	Nome	Orientação Sexual	Idade
01/04/2021	Maricá	RJ	Márcio Velloso da Silva	Gay	55
06/04/2021	Salvador	BA	Vida Bruno	Homem Trans	44
08/09/2021	Guarapari	ES	Jilson Santos	Gay	39
13/11/2021	Juína	MT	Rogério Diego dos Santos	Gay	28
19/12/2021	Curitiba	PR	Onírio Carlos Silvestre	Gay	59

Fonte: GGB, 2022.

O professor Onírio Carlos Silvestre, 59 foi encontrado em seu apartamento no Centro de Curitiba (PR), no dia 19/12/2021, amordaçado e com uma faca cravada no lado esquerdo do peito. A Polícia Civil prendeu o seu companheiro, com quem convivia há três anos, na cidade de Ponta Grossa, para onde fugiu após cometer o crime. O referido professor atuava no ensino superior e era um dos fundadores do Grupo Dignidade de defesa da causa LGBTI+ no Estado do Paraná, atualmente a entidade mais atuante no Brasil.



Onório Carlos Silvestre, Curitiba, Paraná

Foto: Acervo pessoal.

O caso de Bruno Vida, 44, homem trans baiano, teve uma queda como a causa morte oficial, contestada pela família, ao alegar ter havido homicídio, depois de sofrer agressão em um restaurante em Salvador. A vítima era coordenador de Centro de Cidadania LGBT da Prefeitura Municipal de Salvador (BA). O seu falecimento ocorreu no dia 06/04/2021, após dois meses de internamento no Hospital Teresa de Lisieux. A família atribui a sua morte a um traumatismo craniano sofrido no interior do restaurante.



Bruno Vida, Salvador, Bahia

Foto: Acervo pessoal.

Os casos de morte por arma branca assumem o primeiro lugar no *ranking* de instrumentos utilizados para matar LGBTI+ no Brasil, com 85 ocorrências dentre as 300 mortes. A razão para o uso de instrumento perfurocortante pode sinalizar sobretudo mortes em residências, sendo este tipo de utensílio facilmente encontrado pelo agressor na cozinha.

Golpes de faca pelas mãos de dois jovens de 18 anos, rapazes de programa, tiraram a vida do Secretário de Cultura do município de Campo Limpo de Goiás, Wagner Braz de Matos, 46, em 04/07/2021. O crime foi cometido com crueldade pois desfiguraram o rosto do gay para evitar o seu reconhecimento. O objetivo era se apoderar do veículo da vítima para fazer dinheiro. Os agressores já haviam saído com a vítima em outras ocasiões.



Wagner Braz de Matos, Campo Limpo, Goiás
Foto: Acervo pessoal.

Uma dessas mortes repercutiu particularmente por sua dramaticidade e perda inestimável no universo universitário e cultural alagoano e brasileiro. A execução por asfixia do professor universitário José Acioli Filho, 59,

ex-diretor do Museu Theo Brandão, Maceió, escultor e coreógrafo, espancado até a morte por dois rapazes que adentraram o interior de sua residência no dia 16/09/2021.

A morte de Acioli acende um alerta a comunidade LGBTI+ quando associa as mortes ao infortúnio, desinformação ou ausência de cuidados ao levar estranhos para casa: as relações sociais não possuem um receituário ideal quanto aos cuidados a serem observados para assegurar a integridade física, pois as citadas orientações do GGB no texto “Gay vivo não dorme com o inimigo!”, desaconselhando vivamente introduzir desconhecidos dentro de casa, conselho nem sempre observado, sugerindo-se que tais relacionamentos eventuais sejam realizados em hotel ou motel, espaços menos perigosos, mas não totalmente isentos da ocorrência de agressões e mortes mesmo nesses lugares.



José Acioli Filho, Maceió, Alagoas
Foto: Acervo pessoal.

O local da morte constitui uma informação importante na categorização dos crimes letais contra a população LGBTI+.

Tabela 10 – Local do crime de LGBTI+ no Brasil em 2021

Local do crime	Quant.	%
Residência (casa, apartamento, quitinete, banheiro, quintal de casa, em frente à casa, varanda, quarto, casa de ex-namorado)	110	36,67
Logradouro público (rua, estrada, BR, rodovia, matagal, parque, área rural, caçamba de lixo, terreno baldio, loteamento, ponto de prostituição, em frente à casa, próximo ao cemitério, estação rodoviária, loteamento)	97	32,33
Hotel/pousada/Motel	14	4,67
Hospital/clínica	11	3,67
Mata/matagal	8	2,67
Bar/restaurante/barbearia/casa de prostituição/centro de umbanda	7	2,33
Penitenciária	6	2
Mar/orla/praias	4	1,33
Sem informações	43	14,33
Total	300	100

Fonte: GGB, 2022.

O fato de um LGBT ter levado um desconhecido para o interior de sua residência pode ter facilitado a execução do crime, apesar de denotar também reflexo da homofobia estrutural que gera o medo da exposição pública

de uma sexualidade ainda tabu mantida às escondidas devido ao escárnio público.

As mortes em locais públicos estão mais relacionadas às travestis e transexuais, apesar de haver também gays nesta situação, não sendo apenas um indicador de vulnerabilidade social, fazendo-se necessário uma leitura mais atenta para cada episódio, apesar dessa categoria manter similitude com as mortes em ambientes externos, geralmente locais ermos e afastados do centro urbano, como estradas, rodovias e orla marítima.

É necessário reconhecer também as mortes de LGBT+ ocorridas no Sistema Prisional brasileiro, apesar da carência de estatísticas e de estudos capazes de apontar as causas e extensão desses sinistros pois incluem tanto homicídios quanto suicídios: em 2021, houve seis registros desta natureza, perfazendo 2% da totalidade de mortes.

Impressiona o fato de os noticiários da imprensa omitirem com exatidão em qual local ocorreu a morte, conforme constatação feita para 43% da amostra, ou seja, a coleta de dados via mensagens nas redes sociais, mídia em geral e informantes dispersos no território, não ajuda a minimizar a subnotificação, contribuindo assim para aumento da sensação de insegurança dos membros da comunidade LGBT.

É importante salientar o enorme sofrimento vivenciado pelas vítimas dessa violência letal e o quanto precisa ser feito para se buscar justiça e efetivação de políticas de respeito a vida LGBTI+ em nosso país. Por isto, ao sistematizar os dados nesta categoria, busca-se compor uma síntese, mesmo reconhecendo a existência de dificuldades para apontar estatisticamente como cada tipo de arma figurou na cena e execução do crime, a exemplo da asfixia, pois implica em circunstâncias somente explicitadas através da leitura atenta da matéria jornalística, da nota nas redes sociais ou mais raramente, no depoimento muitas vezes cínico do agressor registrado nos autos do processo criminal.

Como ficou explícito na Tabela 10, os dados coletados dão conta de mortes ocorridas em residências, rua, estradas, rodovias, hospital, hotel, pousada, motel, penitenciária, bar, orla, parque, entre outros. Um exemplo é a morte do estudante de medicina Valmir Billy Marley Júnior Chaves de Lima, 23, morto aos 26/02/2021, num logradouro público, quando retornava de uma festa na capital paraense, vítima de espancamento. O suspeito foi preso dois meses depois e a polícia o identificou como usuário de drogas que havia matado para roubar (latrocínio).



Valmir Billy Marley Júnior Chaves de Lima, Belém, Pará

Foto: Arquivo pessoal.

Victtor Cauã Bianchini Silva, 17, assassinado aos 14/03/2022, em Rondonópolis (MT), em um Centro de Umbanda pelo pai de um amigo que não aceitava que o filho participasse dessa religião de matriz africana, mas as investigações demonstraram haver igualmente motivação homofóbica.



Victtor Cauã Bianchini Silva, Rondonópolis, MT

Foto: -Divulgação.

O drama vivenciado por Victor Cauã expõe um dos lados perversos da homofobia, nem sempre perceptível e debatida em público, diante de inúmeras situações vivenciadas no cotidiano de muitos brasileiros LGBTI+, ex-

postos a chacota, humilhações, discursos e a violência extrema.

É pelo direito de existir, de manter a integridade física e mental o motor das ações do Grupo Gay da Bahia ao longo de quatro décadas de atuação, em prol dos direitos humanos de LGBTI+ no Brasil.

4. Os agressores

A impunidade dos assassinos de LGBT constitui gravíssimo problema e agravante para a repetição desses mesmos crimes: apenas 95 dos 300 criminosos foram identificados nos noticiários e demais fontes, ou seja, somente 31,67% dos casos foram elucidados no mesmo ano da ocorrência, o que representa três em cada dez episódios de mortes violentas de LGBTI+, sendo tal número ainda mais desfalcado pelo fato de alguns dos agressores serem menores de idade, que recebem penas muito mais brandas. Como ocorreu na morte do professor Edson Carlos Coelho dos Santos, 41, em 08/03/2021, em Araçuaí (MG), morto por um adolescente de 17 anos com golpes de tijolo, facadas e pauladas. Após essa cruel execução, o jovem agressor roubou a moto da vítima, abandonando-a num matagal e em depoimento à polícia, informou ter o hábito de trocar mensagens com o professor e ir a sua casa e no dia da agressão ocorreu um desentendimento entre ambos, sem especificar o motivo, matando-o sem compaixão.



Edson Carlos Coelho dos Santos, Araçuaí, MG
Fonte: Professor..., 2022.

Tais dados, mesmo que incompletos, oferecem algum subsídio para conhecer aspectos da demografia desse segmento de criminosos e certas nuances da relação do agressor com a vítima: são em geral jovens entre 16 e 35 anos, advindos de segmentos de baixa renda, pouca escolaridade, sem profissão definida e ocupados em sua maioria com trabalhos ocasionais, alguns vivendo à custa de “clientes gays”. Não obstante, encontramos alguns com uma melhor posição na estrutura social e nem sempre o agressor é desconhecido da vítima (companheiro/companheira, namorado/namorada).

5. Conclusão

Lastimavelmente, registramos em 2021 um aumento de 237 para 300 mortes de LGBT+ no Brasil, comparativamente a 2020, um crescimento de 8%. A violência letal homotransfóbica não seguiu, portanto, a mesma tendência de redução em 7% do número total de mortes violentas na população geral do Brasil no ano passado, conforme noticiou há poucos dias o Núcleo de Violência da USP e Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Como explicar tal aumento e divergência estatística?

As estatísticas desse último ano confirmam a tendência observada na última década, registrando-se todo ano mais de 300 mortes violentas de LGBTI+.

O Grupo Gay da Bahia insiste nas mesmas medidas vinculadas nos relatórios anteriores ao cobrar ações governamentais efetivas contra a violência e a discriminação em relação a população LGBTI+, e com mais empenho para as seguintes propostas:

- Implementação de educação sexual e de gênero em todos os níveis escolares para ensinar jovens e à população em geral o respeito aos direitos humanos e cidadania da população LGBTI+;

- Cumprimento rigoroso das decisões judiciais favoráveis a cidadania plena da população LGBT, sobretudo no reconhecimento do casamento homoafetivo e a equiparação da homofobia e transfobia ao crime de racismo;
- Políticas públicas na área da saúde, direitos humanos, educação, que contribuam para erradicar as mortes violentas e proporcionem igualdade cidadã à comunidade LGBT;
- Exigir que a Polícia e Justiça investiguem diligentemente e punam com toda severidade os crimes homotransfóbicos;
- E um apelo aos próprios LGBT+ para que evitem situações de risco de sua própria segurança vital e quando vítimas de qualquer ameaça ou violência, reajam e denunciem.

Portanto, reduzir os atuais índices de violência contra a população LGBTI+ requer um empenho do Estado, sociedade e da população em geral e específica, pois crime de ódio tende a refletir a dificuldade de convivência com as diferenças do outro e somente uma educação de respeito e fomento das liberdades individuais e coletivas podem conter a cultura tóxica heteronormativa, tão nefasta para um projeto viável de civilidade.

Referências

ARANHA, Ana. Testemunha da chacina de Pau D'arco relatou ameaças da polícia antes de ser assassinado. *Repórter Brasil*. Disponível em:

<https://reporterbrasil.org.br/2021/02/testemunha-da-chacina-de-pau-darco-relatou-ameacas-da-policia-antes-de-ser-assassinado-2/>. Acesso em: 13 fev. 2022.

CORPO de professor é sepultado em Nazaré da Mata e população pede justiça. Disponível em:

<https://www.vozdepernambuco.com/2021/01/corpo-de-professor-e-sepultado-em-nazare-da-mata-e-populacao-pede-justica/>. Acesso em: 13 fev. 2022.

GASTALDI, Alexandre Bogas Fraga; MOTT, Luiz; OLIVEIRA, José Marcelo Domingos de; AYRES, Carla Simara Luciana da Silva; SOUZA, Wilians Ventura Ferreira; SILVA, Kayque Virgens Cordeiro da (Orgs). *Observatório de Mortes Violentas de LGBTI+ no Brasil - 2020: Relatório da Acontece Arte e Política LGBTI+ e Grupo Gay da Bahia*. Florianópolis: Editora Acontece Arte e Política LGBTI+, 2021.

OLIVEIRA, Natália. Professor é encontrado morto usando apenas tapa-sexo em Varginha. *O Tempo*. Disponível em: <https://www.otempo.com.br/cidades/professor-e-encontrado-morto-usando-apenas-tapa-sexo-em-varginha-1.2557824>. Acesso em: 18 fev. 2022.

OLIVEIRA, José Marcelo Domingos de; MOTT, Luiz. *Mortes violentas de LGBTI+ no Brasil: 2019 – relatório do Grupo Gay da Bahia*. Paripiranga: José Marcelo Domingos de Oliveira, 2020. (Relatórios do Grupo Gay da Bahia; 1).

PROFESSOR é assassinado dentro de casa em Araçuaí. Disponível em: <https://radiobomsucesso.com.br/2021/03/professor-e-assassinado-dentro-de-casa-em-aracuai/>. Acesso em: 13 fev. 2022.

RR está entre os estados que não tiveram mortes de transexuais em 2021. Disponível em: <https://folhabv.com.br/noticia/POLICIA/Ocorrencias/RR-esta-entre-os-estados-que-nao-tiveram-mortes-de-transexuais-em-2021/83835>. Acesso em: 18 fev. 2022.

SUSPEITO de matar professor é indiciado por latrocínio pela Polícia Civil em Varginha, MG. G1 – Sul de Minas – EPTV. Disponível em: <https://g1.globo.com/mg/sul-de-minas/noticia/2021/11/11/suspeito-de-matar-professor-e-indiciado-por-latrocinio-pela-policia-civil-em-varginha-mg.ghtml>. Acesso em: 18 fev. 2022.

WALKYRIA Santos desabafa e diz que filho se suicidou por discurso de ódio na internet. Disponível em: <https://www.hypeness.com.br/2021/08/walkyria-santos-desabafa-e-diz-que-filho-se-suicidou-por-discurso-de-odio-na-internet/>. Acesso em: 13 fev. 2022.

Anexo 1

Gay vivo NÃO dorme com o inimigo!

Manual de sobrevivência homossexual *Dicas para evitar a violência anti-gay*

1. Evite levar desconhecidos ou garotos de programa para casa. Prefira fazer programas em hotéis, motéis e saunas;
2. Investigue a vida da pessoa com quem pretende sair. Prefira pessoas indicadas por amigos;
3. Só faça programas com elas depois de ter certeza de que são de confiança;
4. Nunca beba líquidos oferecidos pelo parceiro eventual. A bebida pode conter soníferos;
5. "Boa Noite Cinderela" - Em um bar, boate... se você, precisar ir ao banheiro etc. leve o copo consigo, ou, invente uma desculpa e jogue o líquido fora;
6. Se levar alguém para casa, não o esconda do porteiro, ou de vizinhos. Eles podem ajudá-lo na hora do perigo. É sempre bom ter uma boa relação com esse pessoal. Na hora do babado, eles sempre são solidários;
7. Se for possível, não esconda que é gay. Isso evita chantagem e extorsão;

8. Não se sinta inferior. Não se mostre indefeso, evite demonstrar passividade, medo, submissão. Não cultive o tipo machão, ou pelo menos não mostre que o valoriza tanto;
9. Evite fazer programa com mais de um michê. Antes da transa, acerte todos os detalhes: preço, duração, preferências eróticas (se ele aceita, por exemplo, ser passivo);
10. Não humilhe o parceiro. Não exiba joias, riqueza ou símbolos de superioridade que despertem cobiça. O garoto de programa quase sempre é de classe inferior à sua;
11. Se o encontro for na sua casa, tranque a porta e esconda a chave. Não deixe armas, facas e objetos perigosos à vista, você é dono da casa e deve dominar a situação;
12. Se for agredido, procure a polícia, peça exame de corpo delito e denuncie o caso aos grupos de ativistas LGBT. Lembre-se que as Delegacias de Polícia são públicas. Se foi maltratado pelo oficial, chame o Delegado Titular, se ele não estiver chame o plantonista. Se mesmo assim, for mal atendido, entre com uma ação contra a delegacia. Não tenha medo!

